

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MARTA VANUSA DE MENEZES LOPES

***FAKE NEWS* E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR E A
DESCREDIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**JAGUARÃO
2021**

MARTA VANUSA DE MENEZES LOPES

***FAKE NEWS* E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR E A
DESCREDIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Alan Ricardo Costa

**Jaguarão
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L864f Lopes, Marta Vanusa

Fake news e os impactos na construção do leitor e a
descredibilização das práticas pedagógicas / Marta Vanusa
Lopes.

37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Alan Ricardo Costa".

1. As fake news: breve histórico. 2. Gêneros textuais, fake
news e estudos linguísticos. 3. Estudantes leitores e o
impacto do consumo de fake news. 4. Os prejuízos das fake news
na educação e na descredibilização das práticas pedagógicas.
I. Título.

MARTA VANUSA DE MENEZES LOPES

FAKE NEWS E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR E A DESCREDIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras Português/UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho defendido e aprovado em: 13 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa

Orientador

(Unipampa/UAB)

Prof. Dr. Marcus Vinícius Liessem Fontana

(UFFS)

Prof. Me. André Firpo Beviláqua

(UFPeI)



Assinado eletronicamente por **ALAN RICARDO COSTA, Usuário Externo**, em 21/12/2021, às 09:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **André Firpo Beviláqua, Usuário Externo**, em 21/12/2021, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCUS VINICIUS LIESSEM FONTANA, Usuário Externo**, em 21/12/2021, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0700198** e o código CRC **6B02BDOB**.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO	09
2.1 As <i>fake news</i> : breve histórico.....	10
2.2 Gêneros textuais, <i>fake news</i> e estudos linguísticos.....	13
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 Estudantes leitores e o impacto do consumo de <i>fake news</i>	22
4.2 Os prejuízos das <i>fake news</i> na educação e na descredibilização das práticas pedagógicas.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	36

FAKE NEWS E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR E A DESCREDIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

RESUMO: Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são analisados os cenários de *fake news* e os impactos na construção do leitor e a descredibilização das práticas pedagógicas no âmbito da educação brasileira, explorando as lacunas deixadas pela disseminação de informações falsas, e focando no processo de aprendizado e formação do letramento crítico por parte do leitor. Para isso, é mobilizado um referencial teórico de áreas como os estudos linguísticos, os estudos de gêneros textuais/discursivos e pesquisas na área de gêneros jornalísticos, visando ao entendimento de como *fake news* causam uma ruptura nesse formato de comunicação na cibercultura e o que isso implica no resultado final da formação do leitor. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as *fake news* e suas consequências na construção do leitor e a consequente descredibilização das práticas pedagógicas no ensino de línguas. Os objetivos específicos do trabalho são: (1) Discutir as correlações entre leitura, gêneros textuais e compartilhamento de *fake news* nos estudos linguísticos atuais; (2) Identificar o perfil de leitores consumidores de *fake news* e o impacto do consumo dessas notícias falsas nas práticas de leitura; (3) Problematizar os prejuízos que *fake news* causam na educação e na aprendizagem de línguas, sobretudo no que concerne à descredibilização das práticas pedagógicas. É defendida a hipótese de que os educadores podem gerenciar essa crise atual e contornar a problemática das *fake news* por meio do ensino crítico de línguas, construindo uma estrutura de aprendizado que credibilize o processo de consumo de informação a partir de hospedeiros confiáveis e que tenham relação com o desenvolvimento e capacitação do leitor. Em termos metodológicos, o trabalho é de abordagem qualitativa. Foi aplicado um questionário online, através do Google Formulários, com perguntas relacionadas à forma como estudantes (participantes da pesquisa) se portam com as *fake news* dentro da estrutura comunicacional e educacional. Os participantes da pesquisa são alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Com base nas informações obtidas pela pesquisa, são apresentadas definições, tendências e problemas inerentes às *fake news* e à educação de um âmbito geral. Os resultados apontam para a importância de práticas que podem ser estimuladas e desenvolvidas entre o corpo escolar, tutores, professores e os próprios alunos, utilizando os benefícios da tecnologia para estimular o consumo consciente e o pensamento crítico capaz de identificar notícias falsas.

Palavras-chave: *Fake News*; Ensino crítico; Professor de línguas.

FAKE NEWS Y LOS IMPACTOS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL LECTOR Y LA DESCRIBILIZACIÓN DE LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS

RESUMEN: Este Trabajo de Conclusión del Curso (TCC) analiza los escenarios de "Fake news y los impactos en la construcción del lector y el descrédito de las prácticas pedagógicas" en el contexto de la educación brasileña, explorando las brechas dejadas por la difusión de información falsa y enfocándose en el proceso de aprendizaje y formación de literacidad crítica por parte del lector. Para ello, se moviliza un marco teórico desde áreas como los estudios lingüísticos, los estudios de géneros textuales/discursivos y la investigación en el campo de los géneros periodísticos, con el objetivo de comprender cómo las *fake news* provocan una ruptura en este formato de comunicación en la cibercultura y qué implica en la la formación del lector. El objetivo general de esta investigación es analizar las *fake news* y sus consecuencias en la construcción del lector y el consiguiente descrédito de las prácticas pedagógicas en la enseñanza de lenguas. Los objetivos específicos del trabajo son: (1) discutir las correlaciones entre la lectura, los géneros textuales y el intercambio de noticias falsas en los estudios lingüísticos actuales; (2) Identificar el perfil de los consumidores de noticias falsas y el impacto del consumo de estas noticias falsas en las prácticas de lectura; (3) Discutir el daño que las *fake news* causan en la educación y el aprendizaje de idiomas, especialmente en lo que respecta al descrédito de las prácticas pedagógicas. Se defiende la hipótesis de que los educadores pueden manejar esta crisis actual y vencer el problema de las *fake news* a través de la enseñanza crítica del lenguaje, construyendo una estructura de aprendizaje que dé credibilidad al proceso de consumo de información desde *hosts* confiables y relacionados con el desarrollo y empoderamiento del lector. En términos metodológicos, el trabajo tiene un enfoque cualitativo. Se aplicó un cuestionario *online*, a través de *Formularios Google*, con preguntas relacionadas con el comportamiento de los estudiantes (participantes de la investigación) con las *fake news* dentro de la estructura comunicativa y educativa. Los participantes de la investigación son estudiantes de 8º y 9º de primaria y de 1º a 3º de bachillerato. Con base en la información obtenida de la encuesta, se presentan definiciones, tendencias y problemas inherentes a las *fake news* y la educación en un ámbito general. Los resultados señalan la importancia de prácticas que puedan ser estimuladas y desarrolladas entre el cuerpo escolar, tutores, docentes y los propios estudiantes, utilizando los beneficios de la tecnología para estimular el consumo consciente y el pensamiento crítico capaz de identificar noticias falsas.

Palabras clave: *Fake news*; Educación crítica; Profesores de lenguas.

1 INTRODUÇÃO

É natural do ser humano ter interesses e necessidades em relação ao saber, apropriar-se de determinados assuntos e defender aquilo em que acredita, seja em um diálogo simples entre conhecidos ou em um debate profundo sobre um assunto em grande escala, que traz representações, identificações e reverberações maiores, em áreas como a política, a cultura e a educação, por exemplo. A escolha do tema deste trabalho está relacionada à referida necessidade do ser humano em estar sempre informado e constantemente buscando mais informação sobre assuntos.

As formas como esses consumos de informação ocorrem na atual cibercultura (LÉVY, 1999), contudo, é diferente de outrora. Atualmente, estamos conectados em rede (COSTA *et al.*, 2020), em um mundo cada vez mais digital, com nosso interesse em assuntos que circulam na cadeia da notícia, da informação, dos serviços *online*, do entretenimento, da política, da saúde, e em todas as demais áreas que seja possível.

Para haver harmonia e construção coletiva de relacionamentos e saberes, é preciso promover trocas mútuas entre emissor e destinatário, novas descobertas no consumo de informação e, principalmente, veracidade e ética no que está sendo dito/compartilhado em termos de conteúdos. Nesse sentido, um bom leitor, um leitor crítico, que está em constante transformação e desenvolvimento, poderá construir seus conhecimentos com base no que lê, acessa e consome ao longo do dia. Esse cenário esboçado aponta para a necessidade de respeito aos dados compartilhados via Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e na responsabilidade de quem constrói, publica e defende tais dados, isto é, o comunicador.

Portanto, para compreender melhor estas relações de troca de conteúdos e informações e determinar as ações profícuas e adequadas de construção de saberes na atual sociedade em rede, não podemos esquecer o importante papel da pesquisa acadêmica de construir, junto à sociedade de modo geral, um novo paradigma sobre essas relações e conceitos de informação e consumo de conteúdos para a aprendizagem e a educação. A contribuição por parte dos trabalhos científicos pode dar-se na reformulação e/ou reconstrução de um novo método, aplicável ou não, de identificação, certificação, desenvolvimento e aprendizado, por parte da cadeia informativa, onde os alunos e demais usuários da internet poderão seguir construindo

seus conhecimentos e suas perspectivas sobre a vida e o mundo, sem deixar que a popularização de conteúdos falsos ganhe maiores proporções.

Com efeito, é necessário destacar como o compartilhamento e o consumo de conteúdos falsos e tendenciosos é um problema de grandes proporções na sociedade contemporânea. De acordo com Costa *et al.* (2020), *fake news* são um dos problemas mais notórios na atual cibercultura – a cultura do ciberespaço – no qual estamos todos inseridos. Pela web, pela mídia, pelas TICs, têm sido divulgadas de forma massiva notícias e informações falsas, conteúdos que contribuem para a desinformação e, muitas vezes, para o crescimento da ignorância, do negacionismo e dos discursos de ódio.

Haja vista as considerações prévias, é defendida no presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a hipótese de que os educadores (principalmente os professores de línguas) podem gerenciar essa crise e contornar as questões atreladas às *fake news* por meio do ensino crítico de línguas, construindo uma estrutura de aprendizado que credibilize o processo de consumo de informação a partir de hospedeiros confiáveis (mídias, plataformas etc.) e que tenham relação com os interesses de desenvolvimento e capacitação do leitor.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as *fake news* e suas consequências na construção do leitor e a consequente descredibilização das práticas pedagógicas no ensino de línguas. Os objetivos específicos do trabalho são: (1) Discutir as correlações entre leitura, gêneros textuais e compartilhamento de *fake news* nos estudos linguísticos atuais; (2) Identificar o perfil de leitores consumidores de *fake news* e o impacto do consumo dessas notícias falsa nas práticas de leitura; (3) Problematizar os prejuízos que *fake news* causam na educação e na aprendizagem de línguas, sobretudo no que concerne à descredibilização das práticas pedagógicas.

Este TCC na forma de monografia encontra-se estruturado da seguinte forma. Após esta primeira seção de introdução é apresentada, na segunda seção, uma revisão da literatura, intitulada “Fundamentação teórica”, com foco nas *fake news* e em estudos da área da linguística que tratam do tema. Tal seção está dividida em dois tópicos, quais sejam: 2.1 “As *fake news*: breve histórico” e 2.2 “Gêneros textuais, *fake news* e estudos linguísticos”. Na terceira seção é apresentada a metodologia qualitativa do estudo, onde descreve-se a pesquisa que está centrada na aplicação de questionários online desenvolvidos via Google formulários. Na quarta seção, são

discutidos os resultados da pesquisa, bem como a descrição da análise realizada. Na quinta seção são apresentadas as considerações finais, analisando os resultados obtidos com os objetivos apresentados e a questão norteadora. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica do presente trabalho parte de um pressuposto defendido por linguistas como Leffa (2021), por exemplo: somos todos leitores. Subjacente a tal pressuposto está a ideia de que a leitura é o que medeia nossa relação com o mundo, e estamos constantemente lendo as informações ao nosso redor. Tal ideia não é totalmente nova – já constava na obra de Paulo Freire (1996), quando ele defendia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra – mas precisa ser reiterada neste TCC, pois entende-se aqui a leitura como uma chave para compreender o fenômeno das *fake news* e pensar a associação entre elas e os gêneros textuais.

Para Almeida Júnior (2009, p. 03), “a leitura é uma das principais ferramentas utilizadas em sala de aula”, principalmente nas aulas de português, pois “o indivíduo que se apropria das técnicas de leitura, torna-se um ser crítico, capaz de resolver desafios sociais que existem em seu cotidiano”. Ou seja, é a partir da leitura que o processo de aprendizagem, letramento e formação do saber com olhar crítico se constrói. É preciso estabelecer conexões entre o indivíduo e a leitura, estimulando os pensamentos, as emoções e a dúvida. Freire (2011) acredita que

A leitura permite que o indivíduo interaja com outras realidades, que sua imaginação se torne mais fértil, sendo assim mais fácil a sua capacidade de absorver novos conhecimentos e gerar também reflexões sobre sua realidade (FREIRE, 2011, p. 04).

Já Feitosa, Feitosa e Júnior (2021) concebem a leitura como uma ação de transformação. A leitura se molda a partir do contexto em que está inserida, envolve as subjetividades dos indivíduos e abrange as relações estabelecidas entre quem ensina, quem aprende, quem aplica e quem consome certos conteúdos:

Na prática cotidiana a leitura é um tema agradável, no qual se pode aprender e também modificar a sociedade, colaborando para o desenvolvimento de indivíduos capazes de valorizar sua cultura, diminuir preconceitos e trazer soluções para conflitos sociais existentes (FEITOSA; FEITOSA; JÚNIOR, 2021, p. 02).

Tendo em vista as considerações prévias, a seguir, é apresentado um breve contexto histórico das *fake news*. Na sequência, são apresentados debates correlacionando os gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008), os estudos linguísticos na atualidade, as notícias falsas no contexto brasileiro e a importância da leitura para formar o senso crítico do aluno/educando, não somente no processo de alfabetização, mas na educação como um todo, tendo em vista que “a educação pode ser um modo de resistência à mentira organizada e às *fake news*” (NASCIMENTO, 2020, p. 243).

2.1 As *fake news*: breve histórico

Os avanços tecnológicos e científicos da Era Digital, efetivados principalmente nas últimas décadas, foram fundamentais para que a educação alcançasse outro patamar e não se resumisse apenas à propagação de conteúdos, regras e conhecimento datado em sala de aula. Nesse sentido, com base principalmente na obra de Paulo Freire (1996), migramos gradualmente de um ensino bancário, altamente expositivo e centrado no professor, para uma educação mais crítica, em que educando e educador se educam mutuamente e constroem continuamente uma educação crítica e libertadora.

O avanço das TICs permitiu transformações na estrutura comunicacional e educacional, e os conhecimentos e as linguagens se complexificaram, assim como as interações pessoais e trocas de experiências, que passaram a ser mais valorizadas. Silva Neto (1986) acreditava que essas relações partiam do pressuposto social e interativo:

a educação não compete exclusivamente ao professor, mas encontra sólido apoio no convívio com as pessoas que nos rodeiam, nas coisas que vemos e até nas maneiras que nós observamos nos outros. [...] a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, *independente da vontade do homem*, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de *acordo com leis determinadas*, porque as línguas seguem o destino dos que a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam (SILVA NETO, 1986, p. 18).

E, nesse contexto, é a internet e todos os leques que ela compreende que devem estar no centro da discussão. A web representa um marco na mudança paradigmática no fazer educacional e, nela, há uma infinidade de conteúdos, produtos, aplicativos e plataformas que, ao mesmo tempo em que estimulam o saber, estão

promovendo as trocas e experiências sociais que movimentam o espectro técnico-informativo. É nessas trocas e nas relações construídas, sejam elas de cunho educativo, político ou pessoal, que existem as rupturas e as quebras de sincronia. Ou seja, são similares ao impacto que uma *fake news* pode causar em um determinado círculo.

Em geral, podemos pensar que toda ação na internet deve considerar ao menos três elementos: (1) informação/conteúdo, (2) verdade (ou veracidade) e (3) crenças dos internautas. Por informação/conteúdo, compreendem-se os dados e os conceitos que englobam determinado assunto. A verdade/veracidade, por sua vez, tem relação com os fatos e os acontecimentos, e não é absoluta, posto que não existe verdade totalizante, mas apresenta-se como verificável e conferível mesmo quando se trata de um fenômeno que envolve a subjetividade humana e a diferença de pontos de vista. E a crença é a identificação dos indivíduos com determinado assunto ou tema, o que faz com que se consuma massivamente aquele conteúdo, de várias maneiras possíveis: “curtir”, “compartilhar”, “salvar” e enviar para um amigo ou, ainda, divulgar no seu *status* de rede social aquela informação, por exemplo. Essa é, em síntese, a estrutura da comunicação na Web atual. Quando há uma quebra dessa estrutura, principalmente no aspecto verdade/veracidade, ocorre um choque existencial, que pode provocar o descontentamento, a incerteza, a dúvida, e até mesmo a raiva. Esse impacto, que confronta uma verdade, tende a ser o que chamamos de *fake news*, que se define pela distorção de fatos, adulteração de dados e de informações, e disseminação de informações falsas.

Em síntese, o fenômeno das *fake news*, tal qual entendemos hoje, é um fenômeno que emergiu em 2016 durante as eleições presidenciais nos Estados (ROXO; MELO, 2018). Não quer dizer que em períodos históricos anteriores não tenhamos vislumbrado episódios de mentiras e distorção da informação de forma massiva por meio da comunicação humana. Há autores como Teixeira (2019) que acreditam que *fake news* existem desde antes de Cristo, no império romano de César. Para tal autor, as mentiras sempre existiram, em todos os cenários e veículos, e ganhavam forma no cunho popular com intrigas e maldizeres.

Para Filho e Teixeira (2019)

[...] Embora não se trate de um fenômeno recente, a disseminação de notícias falsas pode ter sido ampliada nos últimos anos devido à velocidade e à escala com que são distribuídas por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Somada a esses fatores, há também a predisposição

dos usuários, na chamada era da “pós-verdade”, a acreditar em informações que validem suas crenças e desejos intersubjetivos [...] (FILHO; TEIXEIRA, p. 2, 2019).

Entende-se, então, que o fenômeno não é de hoje, mas foi na corrida presidencial estadunidense de 2016 que emergiram as *fake news* como conhecemos na atualidade. Foi nessa época que a sociedade tomou consciência desse conceito de forma ampla, podendo pensar sobre seus impactos em vários setores, como a política.

[...] *fake news* com frequência aparece como sinônimo de pós-verdade, adjetivo “relativo a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública que os apelos à emoção e às crenças pessoais”. A expressão também foi incorporada aos debates de jornalismo [...] e influenciou diretamente iniciativas como o Google News Lab – que estabeleceu “Confiança e Verificação” como um de seus quatro focos de atuação – e recentes atualizações do site de rede social Facebook. (ROXO; MELO; p. 1-2, 2018).

Roxo e Melo (2018) ainda analisam que a massiva onda de notícias falsas e inverdades, por mais que tenha força no meio jornalístico, motivado principalmente pelas questões políticas, sociais e influenciadoras, tenha chegado ao atual cenário por apresentar várias características das gerações atuais, assim como traços contemporâneos. Tais autores conceituam *fake news* em três sentidos:

[...] 1) no primeiro sentido, *fake news* são entendidas como fatos reais que não mereciam tanta atenção quanto receberam; 2) a expressão também aparece como sinônimo de propaganda, especialmente de propaganda política: “[...] discurso utilizado como arma que mistura discurso verdadeiro, enganoso e falso, e é projetado explicitamente para fortalecer um lado e enfraquecer o outro” (Zuckerman, 2017, s/p); 3) por fim, *fake news* também pode ser uma forma de designar o que o autor chama de *disinformatzja*, isto é, falsas notícias que não possuem a intenção de convencer alguém de algo, sim, de poluir os meios de comunicação e gerar suspeitas em relação a confiabilidade das empresas de comunicação em geral. (ROXO; MELO; p. 4, 2018).

Teixeira (2019) complexifica os debates sobre *fake news* na atualidade acrescentando que esse movimento de divulgação de inverdades não é oriundo da internet e do avanço tecnológico, muito menos da imersiva onda de redes sociais, mas sim como um fragmento do ser humano, uma prática sua. Acontece que hoje é possível reconhecer e caracterizar as ondas de inverdades no meio social pelo massivo trabalho de canais e veículos de informação na luta para transparecer os fatos. Em outras palavras: as tecnologias contemporâneas não criam as *fake news*, mas possibilitam tanto sua proliferação quanto sua identificação.

Teixeira (2019) ainda acredita que a força e a notoriedade das *fake news* são motivadas pelo capitalismo, onde dia após dias são consolidadas grandes empresas focadas em disseminação de fatos duvidosos e inverídicos:

“notícias falsas não são frutos da tecnologia”, pois “existem relatos de noticiário falso desde o Império Romano”. Não é novidade, portanto, que a mentira sempre foi disseminada com objetivos políticos na história da humanidade. Porém [...] a distribuição de notícias falsas se transformou em um negócio lucrativo, com o surgimento de agências especializadas na produção de conteúdo sem checagem em diversos países, a partir de 2013. Elas operam “com baixo custo editorial, ou seja, sem investimento em redações, equipes de checagem, editores e, ainda, abusando de *bots*, algoritmos [...] criados para espalhar *fake news*”. (FERRARI, 2018, p. 62).

Ferreira Filho (2017) concorda com essa perspectiva ao afirmar que *fake news* nada mais são que um campo vasto de desinformação regida por um jogo de interesses. Seja qual for o conteúdo, quando é atrelado a um conceito inexistente, utiliza-se a fama, o poder, a política e demais posições de destaque para atingir o alvo determinado.

Há, pelo menos, outras três formas de desinformação de conteúdo verdadeiro: a primeira diz respeito ao viés do falso equilíbrio (onde a um fato verdadeiro é atribuída relevância desproporcional para opor outro fato também verdadeiro, conduta a que servem, por vezes, pesquisas estatísticas); a segunda diz respeito a certo tipo de distorção hermenêutica onde uma notícia verdadeira é interpretada e redistribuída a partir de pressupostos falseantes (um exemplo paradigmático desse fenômeno pode ser a entrevista que a senadora Gleisi Hoffmann concedera à rede de tv árabe Al-Jazeera em abril de 2018 onde fez defesa do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio “Lula” da Silva, então preso pela justiça federal sob acusação de corrupção ativa: houve uma certa comoção social após a entrevista orientada pela alegação de que a senadora fazia apelo a uma célula terrorista, alusão ao grupo Al-Qaeda). Por fim, há casos em que certos veículos informativos são acusados de atenderem a agendas ideológicas em particular: neste caso, mesmo se verdadeira a acusação, atender a uma agenda ideológica não é condição suficiente para a falsidade do que é noticiado pelo veículo (consideremos o viés de repetição), isto é, não se trata necessariamente de *fake news*, mas de partidarismo (FERREIRA FILHO, 2017, s.p.).

Todo o exposto até aqui aponta para a importância do reconhecimento das *fake news* por meio da leitura crítica, o que sinaliza a necessidade de mais estudos linguísticos sobre o tema.

2.2 Gêneros textuais, *fake news* e estudos linguísticos

Uma tendência nos estudos linguísticos atuais é a pesquisa de gêneros textuais/discursivos, que são formas relativamente estáveis de produção e uso da língua e da linguagem (MARCUSCHI, 2008). Dentro das muitas esferas da

comunicação (como a esfera jornalística¹), encontramos diversos gêneros textuais, que são classificados de acordo com a estrutura textual e o tipo de conteúdo a que se refere. Conforme Seixas (2013, p. 166), “gênero jornalístico diz respeito ao texto, ao discurso, à narratividade, se quisermos. Categorias como função e finalidade, tratadas também como propósito ou intencionalidade, narração, dissertação e ‘relato’ são importantes”.

Com base em Seixas (2013), para que um produto textual tenha valor, sentido e represente um fato com segurança, é preciso seguir uma estrutura pré-determinada que qualifica/valida o conteúdo. E isso precisa ser um dos pontos centrais dos debates sobre jornalismo e notícia. Entretanto, conforme aponta o autor,

os estudos de gêneros jornalísticos em impresso, rádio e televisão no Brasil, na verdade, têm mantido, ao fundo, apenas noções como enfoque, *lead*; mais tangencialmente, acontecimento e fato; e, de maneira mais abrangente, as noções de contrato fiduciário e valor-notícia. Enfoque e *lead* aparecem na definição de “formatos” como cronologia ou “história colorida”. Assim como os termos fato e acontecimento aparecem mal definidos na explicação de nota, notícia, reportagem, uma consequência da frágil definição desses conceitos nos próprios estudos de jornalismo. (SEIXAS, 2013, p. 166).

Autores como Melo e Assis (2010) definiram uma estrutura que determina cada gênero e sua funcionalidade: (1) Informativos: reportagem, notícia, entrevista, coluna, artigo, crônica, cartas, caricatura e charge. (2) Opinativos: editorial, artigo, resenha ou crítica, coluna, comentário, crônica, carta, charge e caricatura. (3) Interpretativos: reportagem interpretativa, reportagem em profundidade. (4) Utilitários: indicador, cotação, roteiro, serviço, olho, dica. (5) Diversionais: entretenimento, ficcionais, relativos, sem extrema necessidade, conteúdos frios. Considerando a tipologia de gêneros textuais e suas funcionalidades na sociedade atual, podemos explorá-los por meio da leitura crítica para a identificação das *fake news*. A imagem a seguir (Imagem 1) é um exemplo prático disso:

¹ No presente TCC, um destaque maior é dado à esfera jornalística, pelo grande alcance e impacto que tais gêneros têm na sociedade de forma geral. Além disso, Roxo e Melo (2018) acreditam que *fake news* estão diretamente ligadas aos conceitos jornalísticos. Para tais autores, as notícias falsas “são consequência de um movimento a partir do qual o campo jornalístico consegue impor suas regras internas para outros campos de produção” (ROXO; MELO, 2018, p.1), razão pela qual eles questionam “as oposições entre verdade e mentira, entre investigação jornalística ou falta dela”, para que possamos avançar nessa discussão sobre a veracidade, “que não pode ser separada da discussão da autoridade e do pacto de credibilidade entre meios de comunicação e cidadãos” (*idem, ibidem*).

Imagem 1: Folder da campanha *Politize!* para a verificação de notícias falsas.

COMO VERIFICAR SE UMA NOTÍCIA É OU NÃO FALSA

A Federação Internacional das Associações e Instituições de bibliotecária (IFLA) publicou dicas para ajudar as pessoas a identificarem notícias falsas. Elas são:

- Considere a fonte da informação:** tente entender sua missão e propósito olhando para outras publicações do site;
- Leia além do título:** títulos chamam atenção, mas não contam a história completa;
- Cheque os autores:** verifique se eles realmente existem e são confiáveis;
- Procure fontes de apoio:** ache outras fontes que confirmem as notícias;
- Cheque a data da publicação:** veja se a história ainda é relevante e está atualizada;
- Questione se é uma piada:** o texto pode ser uma sátira;
- Revise seus preconceitos:** seus ideais podem estar afetando seu julgamento;
- Consulte especialistas:** procure uma confirmação de pessoas independentes com conhecimento;



Fonte: da autora.

No referido folder constam dicas para verificar se uma notícia é ou não falsa. Embora não use uma metalinguagem referente aos estudos de gênero, nem explicita tal perspectiva teórica subjacente ao material, nota-se a estratégia de ensinar ao leitor a explorar determinadas características e aspectos pertinentes ao gênero textual, como a fonte, os autores, a data de publicação, e o tipo de conteúdo (se é humorístico ou não, por exemplo). Esse tipo de abordagem corrobora a hipótese de que a leitura crítica de gêneros textuais/discursivos é uma estratégia potente de identificação e combate a *fake news*, principalmente no caso de gêneros jornalísticos.

Para José Marques de Melo e Francisco de Assis, no livro compilado *Gêneros Jornalísticos do Brasil* (2010), toda estrutura constrói e ajuda a contextualizar/gerar identificação como o assunto atual, as tendências do momento e as preferências do leitor. Esse argumento reforça a importância dos gêneros na atualidade. É indispensável que, para o consumo de determinado conteúdo (ou gênero textual) ser efetivo, é preciso despertar o interesse no leitor, tanto quanto dar a ele subsídios para entender o texto lido/consumido.

Haja vista todo o exposto, é adequado pensar que uma das armas mais eficazes contra o consumo de *fake news* é o pensamento crítico. Através da leitura crítica, é possível detectar o conteúdo, definir se é suspeito ou verídico, aceitar ou desconfiar das fontes citadas, e assimilar o tipo de matéria que está consumindo. Mas para atingir esse nível de reconhecimento, é preciso estabelecer e ter noção de letramento crítico. Em resumo, o letramento crítico diz respeito a todo uso da

língua/linguagem para repensar e questionar o mundo, as injustiças e as violências de todas as ordens: de gênero, raça, credo etc. (BEVILÁQUA, 2017).

O letramento crítico é fomentado e construído pela leitura. Autores como Martins (1988) e Freire (2011) apontam a importância da leitura e de seu caráter polissêmico como

elementos essenciais na formação dos educandos, pois, a leitura promover ampliação do indivíduo no contexto socioeducativo, porque é um processo contínuo que auxilia o indivíduo para que seja capaz de gerar novas chaves de interpretação de textos diversos, contribuindo para a construção do conhecimento e geração de novas formas de conhecimento (MARTINS, 1988, *apud*. FREIRE, 2011).

Feitosa, Feitosa e Júnior (2021, p. 02) acreditam que a leitura é “fundamental, insubstituível para o sucesso dos educandos e educadores em sala de aula”. Só assim é possível transformar, desde os primeiros contatos com a leitura, as relações de aprendizado, ensino, consumo informativo e conhecimento/pensamento crítico.

Tendo em mente que a quantidade de indivíduos que saem do ensino fundamental sem interpretar o que leu ainda é uma realidade que precisa ser avaliada para ser possível extinguir esse problema [...] cabe aos profissionais docentes empregar a leitura em suas aulas considerando como aspecto de integração e socialização, baseada em uma prática pedagógica centrada na leitura e interpretação de textos (FEITOSA; FEITOSA; JÚNIOR, 2021, p. 02).

Há estudos que indicam baixos índices de leitura efetiva por parte de estudantes (*e.g.* MATOS, 2018; GABRIEL *et al.*, 2020). Levando em consideração a quantidade de indivíduos que saem do ensino fundamental sem ter a noção de interpretar o que leu, é possível compreender a leitura como base fundamental para a formação do pensamento crítico, como forma de derrubar essa realidade que precisa ser reavaliada, visando extinguir esse problema resistente nas instituições de ensino. Santos (2021, p. 88) traduz exatamente o sentido deste trabalho quando diz que a informação, independente de sua origem ou derivação, “deve ser passada ao leitor com a determinada acessibilidade e compreensão necessárias ao seu entendimento, devendo fornecer subsídios necessários para a sua interpretação crítica, tornando possível a transformação e valorização do leitor”.

3 METODOLOGIA

Em termos metodológicos, esta é uma pesquisa aplicada, focada na construção de uma nova abordagem das *fake news* a partir de uma educação crítica, visando a

melhorar a compreensão da correlação entre educação e linguagem, através da leitura. Como escopo principal, este método tem sua aplicação voltada para a imersão do conhecimento científico dentro do tema abordado, visando desenvolver um método ou propor uma direção/saída/alternativa para resolver o problema.

O primeiro procedimento metodológico foi a pesquisa bibliográfica. Foram avaliados na literatura da área os conceitos de “*fake news*” e de “leitura”, e a importância que esta carrega para a formação do pensamento crítico. Também foram mobilizadas pesquisas e publicações que ajudam a pensar como o cenário atual compreende as relações de ensino, práticas pedagógicas e *fake news*. Os resultados de tal procedimento metodológico foram apresentados nas páginas anteriores.

O segundo procedimento metodológico foi a investigação diagnóstica, realizada através de um questionário online aplicado via plataforma Google Formulários (disponível em Apêndice). O formulário foi desenvolvido para possibilitar reflexões sobre o uso das informações e notícias falsas no meio digital, o quanto isso interfere na formação do leitor e como as instituições educacionais (e seus gestores e professores) podem lidar com a atual estrutura comunicacional da sociedade, permeada de *fake news*.

Esta é, portanto, uma pesquisa qualitativa. Quer dizer:

Trata-se, ainda, de uma análise qualitativa, uma vez que entram em jogo anotações para descrever e compreender uma situação, mais do que números para enumerar as frequências de comportamentos (POUPART *et al.*, 2008, p. 04)

Nessa análise qualitativa, foi adotado o método indutivo, com base nas observações e análises teóricas; dedutivo, com base nas novas abordagens a respeito do tema; e, também, hipotético, por levantar uma hipótese-problema com o intuito de resolvê-la de acordo com as métricas acima abordadas.

No que diz respeito ao instrumento de pesquisa, para a coleta de dados foi empregado um questionário online, conforme já apontado. Tal formulário foi aplicado aos sujeitos de pesquisa nos meses de outubro e novembro de 2021.

Os sujeitos da pesquisa são estudantes da Educação Básica. O grupo de sujeito de pesquisa abarca 100 aprendizes do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), todos alunos da rede municipal (privada ou pública) de Alegrete, município do Rio Grande do Sul (RS).

Com base nos pontos abordados acima, o respectivo trabalho aborda as *fake news* dentro da esfera pedagógica-escolar, em dois vieses centrais: (1) a perspectiva da leitura, com práticas assertivas que direcionam o consumo de conteúdo verídico, a ser interpretado de forma crítica; e (2) a perspectiva da descredibilização da prática pedagógica, a partir do seguinte pressuposto: as informações falsas afetam os alunos, a formação de leitores e as atividades exercidas na escola a partir do consumo inadequado de conteúdo midiático digital falso e tendencioso.

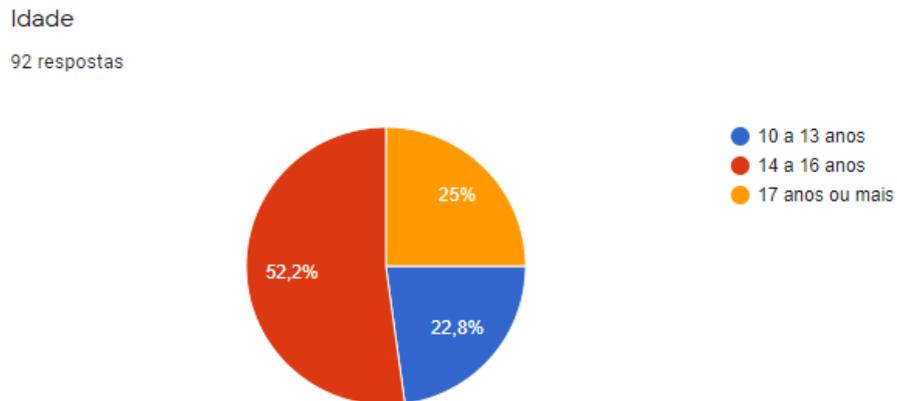
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo, foram obtidas 100 respostas de alunos que aceitaram participar voluntariamente do estudo. Tais sujeitos de pesquisa – que terão seu anonimato garantido por questões éticas – puderam escolher livremente quais perguntas do questionário iriam responder. Não havia nenhuma questão obrigatória no formulário online, razão pela qual algumas questões contam com números de respostas que variam em comparação com outras.

São apresentados, a seguir, os resultados do estudo, a partir dos blocos de perguntas do questionário, pergunta a pergunta, esclarecendo de forma concisa os dados levantados. O questionário completo está disposto em Apêndice 1, para consulta e acompanhamento direto das questões. Primeiro são apresentados os dados gerais; depois, dois subtópicos, que trazem a visão dos alunos sobre as *fake news* e a relação destes com os professores e a escola.

Começamos o questionário com dados gerais, como nome e idade. Foram propostas três faixas etárias: de 10 a 13 anos, 14 a 16 anos e 17 anos ou mais. Conforme Imagem 2, 22,8% dos entrevistados têm de 10 a 13 anos, 52,2% têm de 14 a 16 e 25% têm 17 anos ou mais.

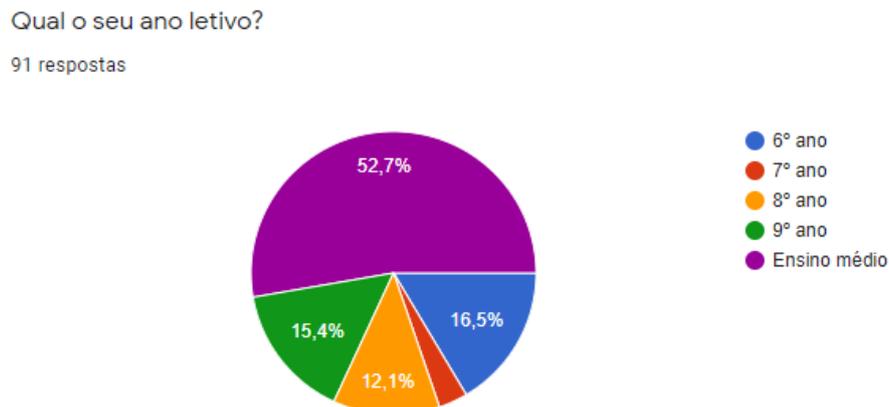
Imagem 2: Faixa etária dos participantes da pesquisa.



Fonte: da autora.

Conforme a Imagem 3, a maioria desses alunos está entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental e 1º a 3º ano do ensino médio. Portanto, a faixa etária predominante aqui foi de adolescentes de 14 a 16 anos. 16,5% dos alunos estão no 6º ano, 3,3% estão no sétimo, 12,1% no oitavo, 15,4% no nono e 52,7% estão entre o 1º e o 3º ano do ensino médio.

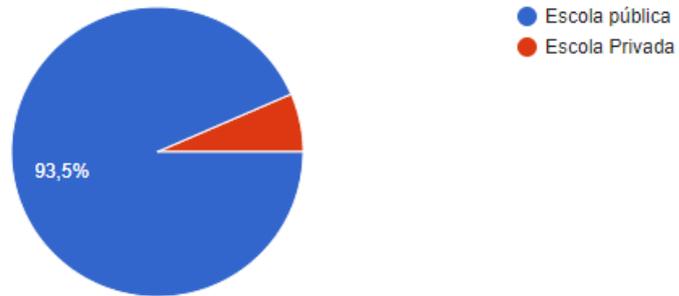
Imagem 3: Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa.



Fonte: da autora.

No que diz respeito à instituição de ensino, 93,5% dos participantes da pesquisa estudam em escolas públicas, e 6,5% em escolas privadas, como apresentado na imagem a seguir (Imagem 4).

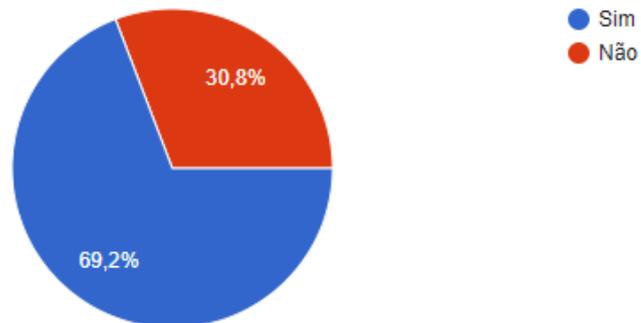
Imagem 4: Natureza da escola dos participantes da pesquisa.
Instituição de Ensino
92 respostas



Fonte: da autora.

Com relação ao acesso à internet, 69,2% possuem acesso à internet na escola, mas os outros 30,8% não o tem, como pode ser conferido na imagem 5.

Imagem 5: Sobre o acesso à internet na escola.
Você têm acesso a internet na escola?
91 respostas



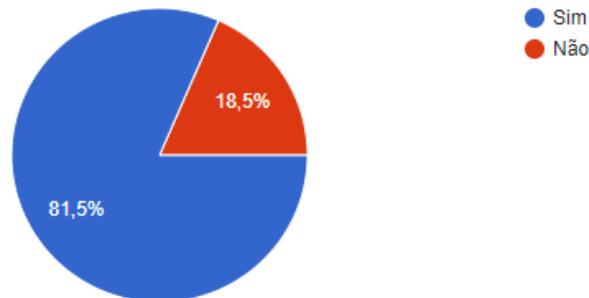
Fonte: da autora.

No que diz respeito ao acesso à biblioteca, podendo levar livros para casa, 81,5% dos estudantes afirmaram que podem retirar livros. Por outro lado, 18,5% dos participantes afirmaram que não, como mostrado na Imagem 6.

Imagem 6: Sobre retirada de livros na biblioteca escolar.

Você tem acesso a biblioteca da escola, podendo levar livros para casa?

92 respostas



Fonte: da autora.

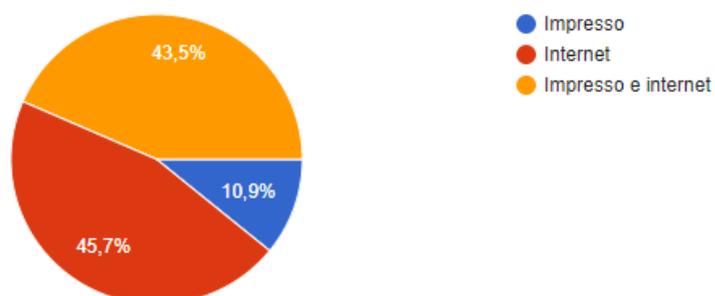
O que se percebe a partir da leitura da Imagem 6 é: embora a maioria consiga acesso ao acervo de livros, ainda há uma parcela significativa de estudantes que não tem o mesmo acesso, dificultando as relações de leitura e consumo informativo.

A Imagem 7 apresenta os resultados referente à leitura dos participantes da pesquisa em diferentes suportes e mídias. Dos consumos diários feito pelos alunos, 10,9% consomem só conteúdos impressos, 45,7% consomem apenas na internet e 43,5% realizam o consumo em ambos os formatos. Os 10% que realizam somente leitura impressa consomem de forma mais específica livros, revistas e jornais.

Imagem 7: Sobre o consumo de informação e leitura em diferentes suportes e mídias.

Você costuma ler mais conteúdos impressos ou conteúdo digitais na internet?

92 respostas



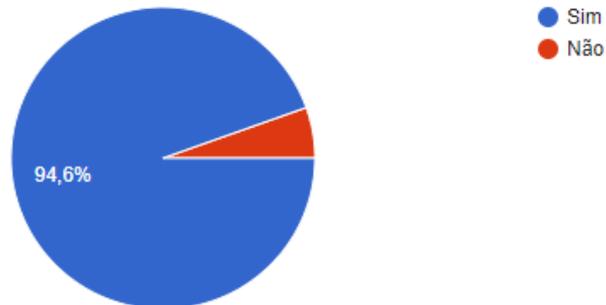
Fonte: da autora.

Outro fator importante nessa questão da leitura é a falta de acesso e/ou inexistência de internet em sua casa, sendo que 5,4% não o têm, enquanto 94,6% dispõem dessa ferramenta, como mostrado a seguir (Imagem 8).

Imagem 8: Sobre o acesso à internet em casa.

Você tem acesso à internet em casa?

92 respostas



Fonte: da autora.

Neste primeiro parâmetro, conclui-se que as escolas, mesmo com os avanços tecnológicos e digitais, ainda não disponibilizam aos alunos total acesso à internet e acesso a livros, o que enfraquece e/ou dificulta aprendizagem de uma parcela de alunos, principalmente aqueles carentes, que não possuem internet em suas residências e nem poder aquisitivo suficiente para comprar e consumir outros meios de informação impressa.

4.1 Estudantes leitores e o impacto do consumo de *fake news*

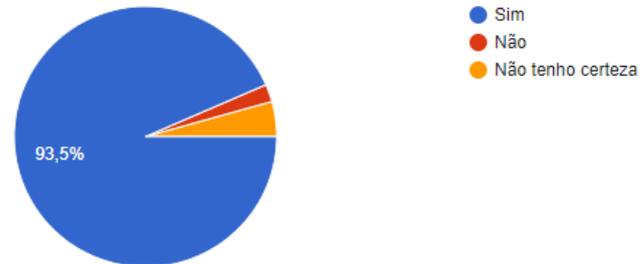
Analisando os dados anteriores, que ajudam a esboçar o perfil dos participantes da pesquisa, percebe-se uma falha no acesso dos alunos com a internet e com os livros da escola. Mas em contrapartida, o contato dessa parcela com as *fake news* é menor, devido à falta de acessibilidade. Ou seja, temos 2 problemas notórios e que precisam ser mudados. Sem acesso, o aluno perde oportunidades de fortalecer seu senso crítico, estimular sua criatividade e aprender a identificar conteúdos relevantes e com valor.

Com base na seção dois do questionário, onde são apresentadas as questões relacionadas à *fake news*, 93,5% dos alunos afirmam que sabem o que são, 4,3% não tem certeza e 2,2% não tem conhecimento sobre, conforme mostrado na imagem a seguir (Imagem 9).

Imagem 9: Sobre o conhecimento que os participantes da pesquisa têm de *fake news*.

Você sabe o que são fake news?

92 respostas



Fonte: da autora.

Na sequência, foi solicitado aos estudantes que explicassem com suas palavras o que era compreendido por *fake news*. Das 100 pessoas que responderam este questionário, 87 descreveram *fake news* em suas concepções pessoais. De modo geral, os participantes do estudo entendem *fake news* como: notícias falsas, conteúdo utilizado para disseminar mentiras, coisas que não são reais, notícias sem fonte ou cabimento, mentiras passadas por pessoas desinformadas, informações erradas, algo de fontes não confiáveis, enganoso, desinformação. No quadro a seguir (Quadro 1) são apresentadas algumas das principais respostas levantadas sobre o significado das *fake news*.

Quadro 1: Alguns dos principais conceitos de *fake news* segundo os participantes da pesquisa.

Fake News são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais. [

Notícias falsas, ou sem 100% de certeza, que se espalham fazendo com que as pessoas acreditem.

Fake News são notícias falsas e que tem a tendência de serem chocantes, tendo o objetivo principal de atrair cliques.

seria uma pessoa tentando passar uma notícia falsa, ou também não necessariamente isso também pode ser uma pessoa se passando por outra em qualquer rede social.

São notícias ou determinados assuntos que não são verdadeiros

São mentiras espalhadas pela internet, que podem muitas das vezes interferir na nossa vida.

"Fake News" ou notícia falsa, como já diz no nome é quando compartilhamos ou vemos notícias sem verificação, notícias que por exemplo, podem ser escritas por uma criança, um racker, etc...Geralmente a "fake news" se manifesta através de notícias que o povo gostaria de ouvir, aquilo que o povo mais curte, como fofocas políticas, fofocas sobre famosos entre outros.

Notícias falsas
Bem, pelo que eu sei fale News são mentiras que passam para as pessoas desinformadas, fazendo com que elas acreditem numa mentira e se passando de verdade
Não sei
Por as pessoas sempre colocarem frases falsas
FAKE NEWS SÃO INFORMAÇÕES ERRADAS OU FALSAS QUE DIVULGAM E ENGANAM ALGUMAS PESSOAS.
Notícia falsa dar informações falsas
Notícias veiculadas com conteúdo falso ou enviesado
Ao meu ver, creio que as famosas fake news são notícias falsas. Na maioria das vezes, observo notícias falsas na internet, mas sempre acho uma fonte mais confiável.
Fake news são informações falsas criadas e veiculadas através de diferentes meios de comunicação de forma deliberada para propagar distorções da realidade que atendam interesses de terceiros a fim de obtenção de vantagens em âmbitos econômicos, políticos etc.
São basicamente informações Falsas
Postagens falsas
Algo enganoso
é uma mensagem falsa publicada
notícias falsas, mentiras e é crime espalhar fake news.
Coisas que não são reais.
Fake news é algo que esta errado, algo que alguém escreveu mentindo sobre alguém ou algo

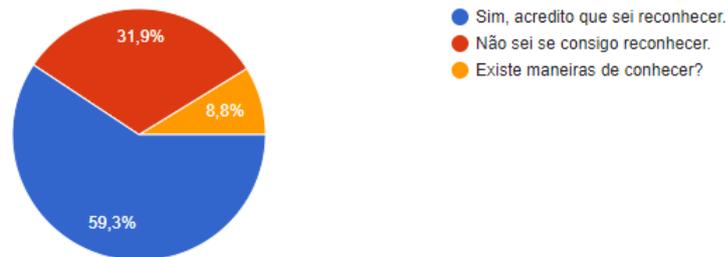
Fonte: da autora.

De modo geral, nota-se que os estudantes associam *fake news* ao jornalismo. Afinal, a maioria das respostas apontam para noções como: boatos repassados por “imprensa marrom” (veículo jornalístico destinado a vazar informações inverídicas, conhecidos como furos de reportagem, mais comum entre o mundo dos famosos), que é o jornalismo produzido por vários jornalistas movidos pelo sensacionalismo e por vários “paparazzi” (fotógrafos que perseguem pessoas, geralmente trabalhando escondidos para flagrar momentos e reações indevidas e vender a veículos jornalísticos como a “imprensa marrom”).

Também foi questionado aos estudantes sobre a possibilidade de reconhecer as informações apresentadas. Sobre essa questão, 59,3% assinalaram a alternativa “sim”, alegando que acreditam reconhecer *fake news*, enquanto 31,9% dizem não

saber se conseguem reconhecer, e 8,8% votaram em “existe maneiras de reconhecer?”, conforme Imagem 10.

Imagem 10: Sobre a identificação de notícias falsas a partir da leitura.
Ao ler um texto, você saberia reconhecer se as informações apresentadas são verdadeiras ou se é um caso de fake news?
91 respostas



Fonte: da autora.

Nesse sentido, os estudantes que não estão cientes das estratégias de leitura crítica para a identificação de *fake news* demonstram a importância da iniciativa *Politize!* (mostrada na Imagem 1) e de ações que visem ao letramento crítico necessário para o reconhecimento de notícias falsas e conteúdos caluniosos. Um exemplo possível de ação nesse sentido é aquele recentemente proposto pela Prefeitura de Niterói (Rio de Janeiro) em parceria com o *Instituto Vero* (comandado pelo youtuber Felipe Neto) e o instituto *E se Fosse Você?*, da ex-deputada federal Manuela D’ávila (PCdoB). Ambos fundaram seus institutos após inúmeros casos de *fake news* (muitos levados à justiça) e agora efetuam projetos educativos de combate às *fake news*, partindo do pressuposto de que uma educação crítica é a melhor arma para isso. Segundo reportagem d’A Gazeta², em nota divulgada pela prefeitura de Niterói, com a parceria, os dois institutos desenvolverão atividades voltadas a professores e alunos da rede municipal de ensino.

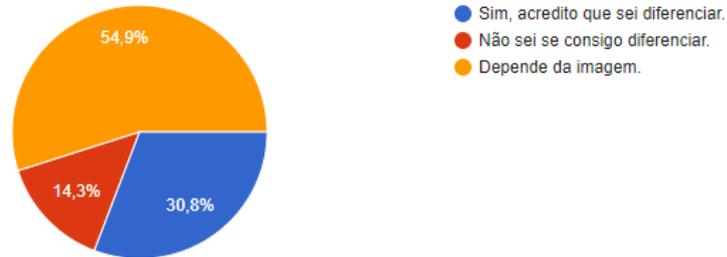
Na parte destinada ao reconhecimento de imagens falsas ou editadas em softwares como o *Photoshop*, 30,8% dos participantes da pesquisa acreditam que sabem diferenciar verdadeiras de falsas, 14,3% não sabe se consegue e 54,9% dizem que depende da imagem, como pode ser visto na imagem a seguir (Imagem 11).

² Matéria disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/felipe-neto-manuela-davila-parceria-prefeitura-combater-fake-news/>>.

Imagem 11: Sobre a capacidade dos participantes da pesquisa de identificar imagens falsas.

Você consegue diferenciar uma imagem verdadeira de uma imagem falsa (por exemplo, alterada com Photoshop ou outro software de edição de imagens)?

91 respostas



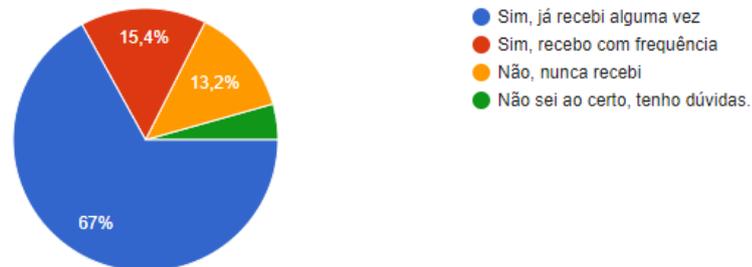
Fonte: da autora.

Com relação aos veículos de rede social (como Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter e e-mail), constatou-se que 67% já receberam alguma vez notícias falsas por esses meios, 15,4% recebem com frequência, 13,2% nunca recebeu e 4,4% não sabe ao certo e/ou tem dúvidas.

Imagem 12: Sobre o recebimento de *fake news* em redes sociais.

Você já recebeu alguma informação falsa pelas suas redes sociais: facebook, whatsapp, instagram, twitter, email?

91 respostas



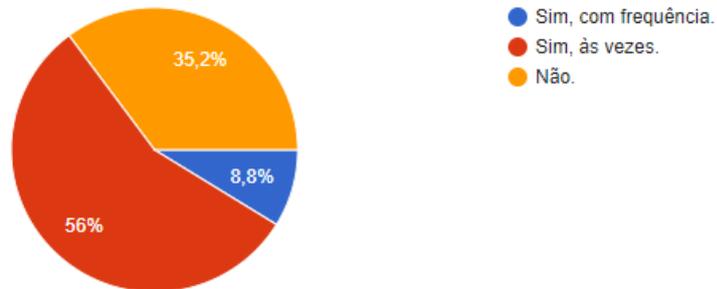
Fonte: da autora.

Sobre o hábito de ler notícias em jornal impresso ou online, 8,8% consomem com frequência, 56% consomem às vezes e 35,2% não consomem nenhum tipo de conteúdo jornalístico noticioso, conforme Imagem 13.

Imagem 13: Sobre o hábito de leitura de notícias de jornal.

Você tem o hábito de ler notícias de jornal (impresso ou online)?

91 respostas



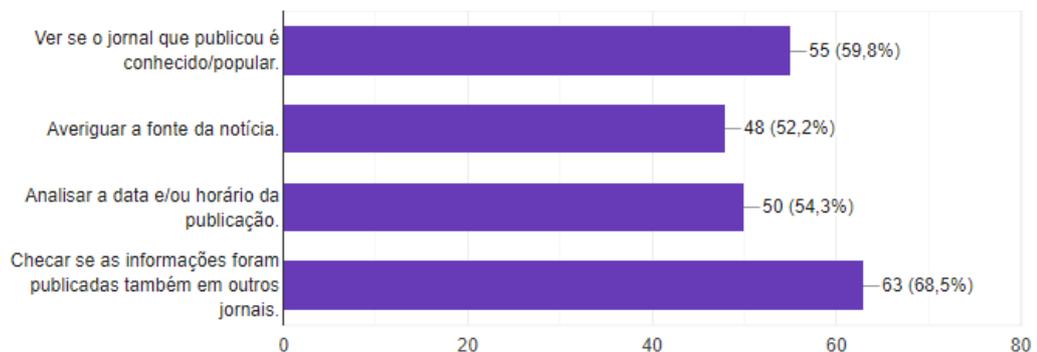
Fonte: da autora.

Na questão seguinte, foi levantada a informação sobre as ações que são utilizadas ao ler uma notícia, levando em consideração a possibilidade de marcar mais de uma resposta. A questão “ver se o jornal que publicou é conhecido/popular” teve 55 respostas e acumulou um total de 59,8%, sendo a alternativa mais marcada. Já “averiguar a fonte da notícia” teve 48 respostas e chegou a 52,2%. “Analisar a data e/ou horário da publicação” somou 50 respostas e o total de 54,3%. Por fim, “checar se as informações foram publicadas também em outros jornais” foi a mais selecionada, com 63 votos, correspondendo a 68,5% de votantes da pesquisa (lembrando que, ao todo, são 100 estudantes participando da pesquisa).

Imagem 14: Sobre estratégias de leitura para identificar notícias falsas.

Marque as alternativas a seguir, que são ações que você realiza ao ler uma notícia (você pode marcar quantas alternativas quiser):

92 respostas



Fonte: da autora.

Fechando este primeiro tópico, é perceptível como os alunos não somente consomem, mas tem dificuldades e/ou não sabem identificar, quando um conteúdo,

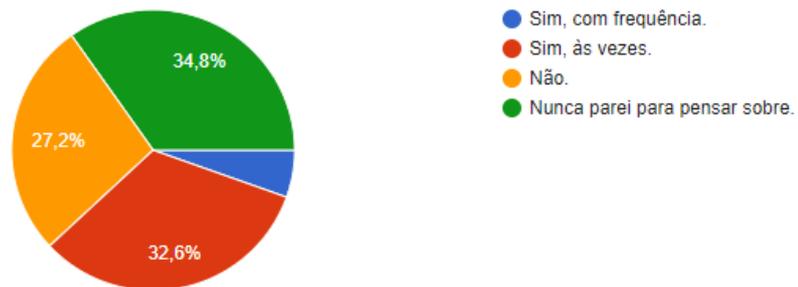
texto, notícia ou imagem tem origem duvidosa ou falsa. Embora o consumo das redes sociais e internet seja elevado, ainda existe uma necessidade em saber diferenciar o material consumido e potencializar o pensamento crítico dos alunos.

4.2 Os prejuízos das *fake news* na educação e na descredibilização das práticas pedagógicas

Quando analisamos a relação entre professores, consumo de notícias e educação, precisamos levar em consideração a possibilidade de alunos não credibilizarem conteúdos apresentados em certos espaços escolares. Esse é um dano colateral das *fake news* que precisa ser considerado: na atual sociedade, permeada de notícias falsas e negacionismo, aprendizes podem se voltar contra seus professores, frequentemente acusados de serem doutrinadores e, conseqüentemente, descredibilizados. Ao questionar sobre alguma desconfiança em relação aos professores e informações passadas, 5,4% desconfiam com frequência, 32,6% desconfiam às vezes, 27,2% não desconfiam e 34,8% nunca pararam para pensar sobre.

Imagem 15: Sobre a possível descredibilização dos professores em sala de aula.
Você já desconfiou de alguma informação apresentada por seu professor em sala de aula?

92 respostas

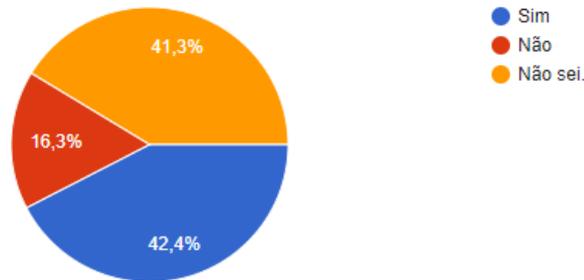


Fonte: da autora.

Ao perguntar sobre como os alunos viam a escola, no que diz respeito ao combate à circulação de *fake news*, 42,4% acreditam que a escola ajuda, 16,3% acreditam que a escola não ajuda e 41,3% não sabem opinar.

Imagem 16: Sobre a contribuição das escolas no combate às *fake news*.
 Você acha que a escola ajuda no combate às fake news e a circulação de notícias falsas?

92 respostas

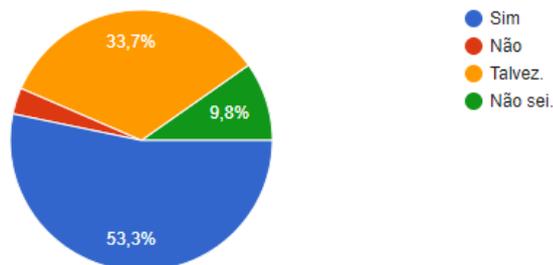


Fonte: da autora.

Também foi perguntado sobre como os professores de português poderiam ajudar nesse processo, 53,3% dos alunos acreditam que sim, com o apoio do professor de português é possível combater/identificar, 3,3% acreditam que os professores não podem fazer nada, 33,7% têm dúvidas sobre isso e 9,8% não sabem.

Imagem 17: Sobre a contribuição das aulas de português na identificação de *fake news*.
 Você acredita que os professores de português podem auxiliar na aprendizagem de técnicas de identificação e de fake news?

92 respostas



Fonte: da autora.

Na pergunta seguinte, foi solicitado aos alunos sugerirem formas da escola e dos professores auxiliarem nesse processo, a maioria sugeriu a inserção de palestras, oficinas, conteúdos voltados ao assunto, definir processos de identificação, minicursos, trazer exemplos, apresentar as questões desde o começo da compreensão e formação do saber, incentivar a leitura e o consumo de informações em sites seguros, entre muitas outras. As respostas completas estarão expostas a seguir (Quadro 2), através das capturas de tela dos resultados.

Quadro 2: Sobre as formas de a escola contribuir na formação de leitores.

Acredito que incentivando a todos presentes nela de terem mais atenção com o que é compartilhado, com a fonte da notícia, com os elementos apresentados durante este gênero textual, etc, seja por meio de aulas com este tema, aulas para identificação De Fake News, estas coisas.

Mostrando quais fontes pesquisar, bem como fontes confiáveis

A escola, e também o sistema de ensino como um todo, deveria dar maior importância para o ensino de aspectos linguísticos envolvidos na interpretação de mensagens verbais e não-verbais, nas aplicações e na compreensão das tecnologias de comunicação e informação do dia-a-dia e dos diferentes gêneros textuais.

Devem nos ensinar como identificar e o que compõe uma fake news, sem aulas divididas e frequentes que informam os demais sobre isso.

Dando exemplos, recomendando sites/jornais que dão notícias verdadeiras. Dicas, exemplos de certas coisas que podem nos ajudar a identificar fake news.

Alertando sobre as notícias falsas, para que não levem como verdade absoluta tudo que leem. Que se atentem aos fatos históricos e se informem da melhor maneira possível.

Acho que os professores deveriam ensinar mais aos alunos a escolherem sites confiáveis para lerem matérias e verificarem se as fontes são confiáveis

Diferenciando as palavras usadas, mesmo que muitas vezes as fake news ainda usem palavras que nos façam acreditar mais.

Usando exemplos de notícias verdadeiras e notícias falsas, mostrando as diferenças entre elas.

Dando instruções de como reconhecer notícias falsas

Ensinando um passo a passo, para uma criança ou jovem saber verificar se uma notícia é verdadeira ou falsa, entre outras coisas que ajudam no combate à "Fake News"

Ensinando sobre o assunto

Não espalhar notícias falsas ver a fonte da notícia para ver se é fake news ou não.

Orientando a buscar a fonte de onde se originou tal notícia.

Com oficinas de leitura, implantando o dia do jornal, onde alunos devem fazer leituras em casa, escolher um tema, ler em sala de aula e apresentar a origem e o contexto. Outra forma é estimular a retirada de livros na biblioteca da escola, assim gera incentivo ao consumo de leitura, seja ele fictício ou informativo.

Alertando e dando exemplos.

Eles poderiam ensinar a como identificar uma notícia falsa pra uma notícia verdadeira

Sempre ele falarem a verdade pros alunos .

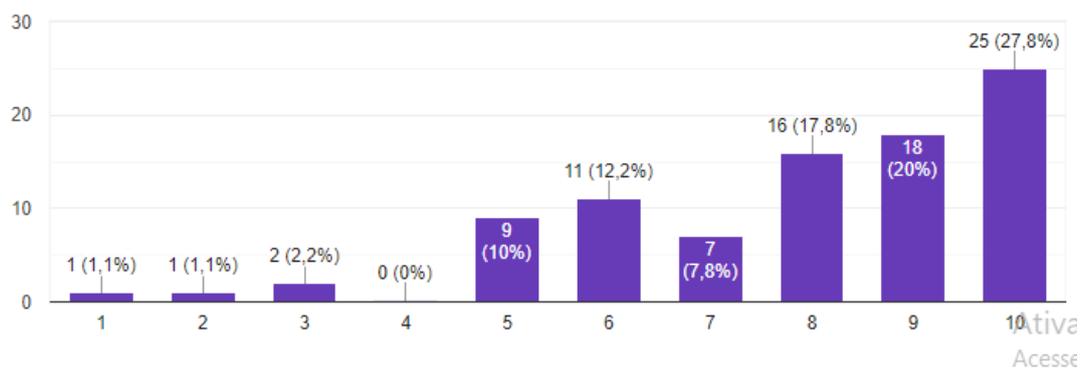
DANDO DICAS DE COMO RECONHECER.

Por fim, concluindo o questionário, foi solicitada uma avaliação “De 0 a 10, sendo 0 “Não contribui em nada ou quase nada” e 10 “Contribui muito ou totalmente”, responda à questão: como as aulas de linguagens podem contribuir para a formação de leitores críticos, que tenham habilidade para reconhecer *fake news*?”

De modo geral, conforme exposto na Imagem 18, 1,1% dos alunos votaram nas opções 1 e 2, 2,2% na opção 3, 0% na opção 4, 10% na opção 5, 12,2% na opção 6, 7,8% na opção 7, 17,8% na opção 8, 20% na opção 9 e 27,8% na opção 10.

Imagem 18: Sobre a possível contribuição das aulas de linguagem na formação de leitores. De 0 a 10, sendo 0 “Não contribui em nada ou quase nada” e 10 “Contribui muito ou totalmente”, responda à questão: como as aulas de linguagens podem contribuir para a formação de leitores críticos, que tenham habilidade para reconhecer *fake news*?

90 respostas



Fonte: da autora.

É notória a preocupação dos alunos com relação à forma que os professores e as instituições abrangem as *fake news*. As relações de confiança e credibilidade ficam abaladas não somente no conteúdo individual, mas também na materialização de informações abordadas em sala de aula por professores.

Em contrapartida, fica claro o interesse dos alunos por encontrar formas nos professores e escola, de aprender mais e ter o conhecimento de identificar e aprender sobre *fake news*. Há muito a ser explorado nesse tema recente e tanto a rede que ensina quanto a rede que aprende podem crescer e construir juntos uma nova forma de aprender, reconhecer, capacitar e estruturar o saber e o letramento crítico (BEVILÁQUA, 2017), tão necessário aos estudantes leitores e às pessoas de modo geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa qualitativa feita através do questionário online aplicado, elaborado via plataforma Google Formulários, por meio do qual foram avaliados estudantes do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), nota-se que estes concordam, de modo geral, que *fake news* são consideradas o novo “mal do século”. É perceptível, a partir dos dados coletados, o consumo de *fake news*, a baixa procura pelo reconhecimento e a veracidade do conteúdo e por fim, o déficit de leituras capazes de desenvolver o senso crítico de cada indivíduo.

Após a análise e apresentação dos resultados da pesquisa, foram levados em consideração a hipótese e o objetivo deste trabalho, a fim de concluir se a proposta atingiu seu foco ideal. Como hipótese, partiu-se da premissa de que os educadores (e a educação em geral) podem contribuir para o gerenciamento dessa crise atual de *fake news* na sociedade (NASCIMENTO, 2020) e contornar as questões atreladas às notícias falsas por meio do ensino crítico de línguas, construindo uma estrutura de aprendizado que credibilize o processo de consumo de informação a partir de hospedeiros confiáveis e que tenham relação com os interesses de desenvolvimento e capacitação do leitor.

Sobre esse ponto, temos duas questões concluídas: a primeira é de que sim, os alunos (embora não tenham 100% de segurança nos conteúdos apresentados pelos professores) acreditam que eles e as instituições de ensino como um todo podem se apropriar e criar mecanismos, conteúdos, oficinas, minicursos, capacitações que os ajudem a aprender sobre identificação e desenvolvimento do senso crítico. Para Santos (2021), essa função é dever dos professores e corpo pedagógico como um todo, pois está relacionado as questões de leitura, formação do senso crítico e construção do saber por processo de aprendizagem:

[...] cabe ao professor oportunizar situações de ensino e de aprendizagem que envolvam a leitura e a escrita como objeto social do conhecimento, não devendo desrespeitar os conhecimentos que o educando traz consigo, seja do ambiente familiar ou de qualquer outro convívio social. Tão importante quanto os docentes, estão os profissionais que compõem a equipe técnico pedagógica que podem desenvolver projetos que objetivem o aprimoramento de habilidades referentes à leitura e a escrita como podem, ainda, apoiar pedagogicamente os docentes na constituição do senso crítico (SANTOS, 2021, p. 88).

Assim, esse primeiro ponto diz respeito à hipótese formulada, que pode ser interpretada como confirmada. O segundo ponto diz respeito ao objetivo geral desta

pesquisa, que era o de analisar *fake news* e suas consequências na construção do leitor e a consequente descredibilização das práticas pedagógicas no ensino de línguas. Sobre isso, percebeu-se, através da literatura da área, do referencial teórico e do estudo como um todo, que há algumas lacunas que precisam ser preenchidas, desde o processo inicial de alfabetização até a formação do letramento crítico. Pelo questionário, é perceptível que o consumo das redes sociais e de conteúdos duvidosos gera uma falta de identificação por parte dos alunos consumidores. Tanto a grande parcela de estudantes quanto os que não têm acesso a leituras e internet, não tem contato e/ou noção de como identificar e reconhecer tais conteúdos, informações e imagens.

Partindo para os objetivos específicos, o primeiro era (1) Discutir as correlações entre leitura, gêneros textuais e compartilhamento de *fake news* nos estudos linguísticos atuais. Analisando o referencial teórico, este objetivo foi concluído com êxito. Passando para o segundo, (2) Identificar o perfil de leitores consumidores de *fake news* e o impacto do consumo dessas notícias falsa nas práticas de leitura, encontramos os alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio como principais consumidores. O perfil é composto por estudantes de escolas públicas, de 10 até 17 anos ou mais, com acesso e não acesso às bibliotecas da escola; com acesso e não acesso à internet na escola; com acesso e não acesso à internet em casa. Já o terceiro objetivo, que era (3) Problematizar os prejuízos que *fake news* causam na educação e na aprendizagem de línguas, sobretudo no que concerne à descredibilização das práticas pedagógicas, concluiu-se que os professores e a escola estão deficitários na hora de oferecer caminhos de leitura, acesso a internet e consumo de informações que gerem identificação e confiança por parte dos alunos. Mas em contrapartida, é notório o interesse por parte da maioria dos entrevistados, que a escola e os professores seriam caminhos fundamentais para preencher essa lacuna existente.

Desde o início dos processos de alfabetização e letramento, é ideal estimular nos alunos a leitura, pois ela potencializa a criatividade, gera curiosidade, leva a questionamentos que irão resultar na formação de um pensamento crítico completo e fundamental. Uma forma de abrir possibilidades de consumo literário está em criar dias de leitura, momentos na biblioteca, pesquisas e oficinas relacionadas a consumo informativo jornalístico, estudo de gêneros textuais, leitura semanal de fragmentos de ficção, literatura brasileira ou internacional, enfim, criar objetos de ensino que

despertem nos alunos a capacidade de exercer sozinhos a identificação e reconhecimento.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, p.89-103, 2009.

BEVILÁQUA, A. F. **Linguagens e tecnologias a serviço de uma Ética Maior: a produção de Recursos Educacionais Abertos na perspectiva dos Letramentos Críticos**. 2017. (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada) – UCPel: Rio Grande do Sul, 2017.

COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F.; KIELING, H. S.; FIALHO, V. R. **Paulo Freire hoje na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora CirKula, 2020. 100p.

FEITOSA, N. S.; FEITOSA, F. S.; JÚNIOR, F. R. F. A importância da prática de leituras para o desenvolvimento do senso crítico na sala de aula. **Educationis**, v.9, n.1, p.46-52, 2021.

FERREIRA FILHO, J. B. **Uma definição para fake news**. A verdade sob suspeita: fake news e conduta epistêmica na política da desinformação. Academia. [S. l.], 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/38074713/A_verdade_sob_suspeita_fake_news_e_conduta_epist%C3%AAmica_na_pol%C3%ADtica_da_desinforma%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 19 set. 2021.

FILHO, A. R. F.; TEIXEIRA, P. F. **Nova escola contra as fake news: a checagem de fatos especializada em educação**. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/45664497/NOVA_ESCOLA_CONTRA_AS_FAKE_NEWS_A_CHECAGEM_DE_FATOS_ESPECIALIZADA_EM_EDUCA%C3%87%C3%83. Acesso em: 17 set. 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **A Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GABRIEL, R.; BORSATTI, D. A.; COSTA, A. R.; CARVALHO, K. S.; RIEGER, N. P.; TATSCH, M. C. A ciência da leitura e suas implicações educacionais. Tradução de artigo de Mark S. Seidenberg. **Revista Prolíngua**. Vol. 15, n. 2, 2020.

LEFFA, V. J. **Somos todos leitores**. ELA – Epifanias em Linguística Aplicada. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j-WAtPW8qTw&ab_channel=ELA%3AEpifaniasemLingu%C3%ADsticaAplicada. Acesso em: 10 nov. 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

MATOS, A. M. S. **Desempenho em leitura e resolução de problemas matemáticos na Prova Brasil**. 2018. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

NASCIMENTO, C. E. G. *Fake news*, mentira organizada e educação: uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 1, p. 243-263, 2020.

POUPART, J.; *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROXO, M. A.; MELO, S. **Hiperjornalismo: uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-19, 2018.

SANTOS, P. B. Equipe técnico-pedagógica: constituição do senso crítico por meio da leitura e da escrita. **Revista Científica FESA**, v. 1, n. 3, p. 86-107, 2021.

SEIXAS, L. **Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos**. Galáxia, São Paulo, v. 13, p. 165-179, 2013.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

APÊNDICE: QUESTIONÁRIO SOBRE *FAKE NEWS* NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Esta pesquisa parte de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso superior de Letras Português EaD da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Com o tema "FAKE NEWS E OS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR E A DESCREDIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS", a pesquisa tem como objetivo identificar os hábitos de leitura dos alunos e o quanto eles estão relacionados com as fake news.

Sua participação na pesquisa será de forma totalmente voluntária (sem nenhum tipo de remuneração), e sua sinceridade ao responder às perguntas deste questionário é fundamental para o andamento desta pesquisa. O anonimato dos estudantes que responderem ao questionário será garantido: caso necessário, serão usados pseudônimos no TCC, para evitar a identificação dos participantes. A qualquer momento você pode optar por desistir da pesquisa ou deixar de responder às questões caso se sinta desconfortável.

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato pelo seguinte e-mail: martalopes.aluno@unipampa.edu.br.

PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO

- 1) Nome completo:
- 2) Idade: () 10 a 13 anos. () 14 a 16 anos. () 17 anos ou mais.
- 3) Instituição de Ensino: () Escola pública. () Escola privada.
- 4) Qual o seu ano letivo?
 () 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental.
 () 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental.
 () 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio.
- 5) Você tem acesso à internet na escola? () Sim. () Não.
- 6) Você tem acesso à biblioteca da escola, podendo levar livros para casa?
 () Sim. () Não. () Não sei.
- 7) Você costuma ler mais conteúdos impressos ou conteúdos digitais na internet?
 () Conteúdo impresso.
 () Conteúdo digital na internet.
 () Leio na mesma medida conteúdos impressos e digitais.
- 8) Você tem acesso à internet em casa? () Sim. () Não.

PARTE 2 – SOBRE *FAKE NEWS*

- 1) Você sabe o que são *fake news*?
 () Sim. () Não. () Não tenho certeza.
- 2) Explique a seguir, com as suas palavras, o que você entende por "*Fake News*".
- 3) Você costuma ver *fake news* na internet?
 () Sim, com frequência. () Sim, às vezes. () Não. () Não tenho certeza.

4) Ao ler um texto, você saberia reconhecer se as informações apresentadas são verdadeiras ou se é um caso de *fake news*?

- Sim, acredito que sei reconhecer.
 Não sei se consigo reconhecer.
 Existem maneiras de conhecer?

5) Você consegue diferenciar uma imagem verdadeira de uma imagem falsa (por exemplo, alterada com Photoshop ou outro software de edição de imagem)?

- Sim, acredito que sei diferenciar.
 Não sei se consigo diferenciar.
 Depende da imagem.

6) Você já recebeu alguma informação falsa pelas suas redes sociais: Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter?

- Sim, já recebi alguma vez.
 Sim, recebo com frequência.
 Não, nunca recebi.
 Não sei ao certo. Tenho dúvidas.

7) Você tem o hábito de ler notícias de jornal (impresso ou online)?

- Sim, com frequência. Sim, às vezes. Não.

8) Marque as alternativas a seguir que são ações que você realiza ao ler uma notícia (você pode marcar quantas alternativas quiser):

- Ver se o jornal que publicou é conhecido/popular.
 Averiguar a fonte da notícia.
 Analisar a data e/ou o horário da publicação.
 Checar se as informações foram publicadas também em outros jornais.

9) Você já desconfiou de alguma informação apresentada por seu professor em sala de aula?

- Sim, com frequência.
 Sim, às vezes.
 Não.
 Nunca parei para pensar sobre.

10) Você acha que a escola ajuda no combate às *fake news* e à circulação de notícias falsas?

- Sim. Não. Não sei.

11) Você acredita que os professores de português podem auxiliar na aprendizagem de técnicas de identificação de *fake news*?

- Sim. Não. Talvez. Não sei.

12) Como você acha que a escola e os professores poderiam contribuir para ajudar no reconhecimento e controle das notícias falsas?

13) De 1 a 10, sendo 0 “Não contribui em nada ou quase nada” e 10 “Contribui muito ou totalmente”, responda à questão: como as aulas de linguagens podem contribuir para a formação de leitores críticos, que tenham habilidade para reconhecer *fake news*:

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10.